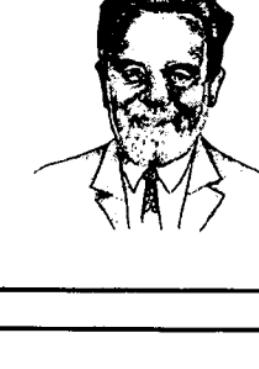


29 AGO 1995

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



A dose do veneno

O veneno pode curar. O remédio pode matar. O curare que os índios amazônicos usam nas suas flechas para abater o inimigo é o mesmo curare usado pelos anestesiistas em operações complicadas. Tudo é questão de dosagem.

A grande discussão que se trava em torno da política de juros altos e crédito curto se centra nesta questão: qual é a dose certa para manter a inflação baixa e a economia viva?

Quinta-feira, o deputado Nelson Marquezelli, líder da bancada ruralista, aproveitou a presença do ministro José Serra na Comissão de Agricultura para presenteá-lo com três cenouras. Serra, cujo senso de humor é inversamente proporcional à sua capacidade de trabalho, já conhecia a umbelífera de vista e ficou danado da vida. Mas raiva teve ainda quando ouviu do presenteador que poderia fazer com as cenouras o uso que entendesse. Considerou maliciosa a insinuação e quase fecha o tempo.

Marquezelli é deputado por Pirassununga, terra da cachaça 51, e tem por lá uma empresa de distribuição de bebidas chamada Piratex. Pode não ter tido uma boa idéia, mas certamente não é um pirado. É, antes, o porta-voz dos desesperados agricultores deste país, certamente as maiores vítimas dos juros alucinados.

A razão do desespero do seu eleitorado foi mais bem exposta em um pequeno panfleto do que pelo seu donativo hortigranjeiro, que poucos entenderam.

O panfleto dos agricultores começa indagando se você já pensou em tudo o que vem do campo: a comida que comemos, a roupa que vestimos, os objetos que usamos. Em seguida, apresenta um quadro comparativo sobre o que os produtores precisam trocar para viver: 60 quilos de soja por um pote de 2 quilos de sorvete; 150 quilos de milho por um corte de cabelo; 30 quilos de algodão por três T-shirts básicas; 15 quilos de carne por uma calça jeans barata; 60 quilos de feijão por uma botina de trabalho, e por aí seguia.

Chegam de toda parte notícias catastróficas sobre o Brasil agrícola. O uso de fertilizantes para a próxima safra caiu quase pela metade. Está mais fácil vender geladeiras a esquimós que tratores a fazendeiros.

Há uma queda vertical na venda de sementes selecionadas. Grandes fábricas de implementos agrícolas fecharam ou estão por fechar.

Segundo os parlamentares ruralistas, o Banco do Brasil diz não ter dinheiro para financiar o custeio da safra das águas, apesar de o Governo ter decidido limitar a 16% ao ano os juros desses empréstimos. Numa boa estão apenas os dez maiores especuladores financeiros do campo, que, sozinhos, têm uma dívida vez e meia maior que a dos 211 mil tomadores de pequenos empréstimos que não puderam pagar. Dizem os parlamentares que os gerentes do BB são impiedosos com essa gente, enquanto a cobrança das dívidas de mais de um milhão de reais fica para as calendas gregas, por não serem da alcada das agências locais.

Nas cidades as notícias não são melhores. No comércio, só as empresas líderes não têm maiores problemas. Grandes cadeias de lojas, como a Mesbla, as Casas Centro, de São Paulo, e a Lojas Pernambucanas, foram arrastadas à concordata. Caíram no buraco da inadimplência. O número de cheques sem fundos aumentou de 3,5 vezes de agosto de 94 para este mês. Como a concordata reduz sensivelmente os juros devidos, espere-se que sobrevivam. E nos juros que está o garrote da maioria.

O estado da indústria é retratado pelas montadoras de automóveis. Estão com os pátios repletos e começam a despedir. O efeito em cascata que as suas dificuldades acarretam se reflete no conjunto do parque industrial brasileiro.

Apesar dos juros, nem todos os bancos navegam em calmaria. O estouro do Econômico provocou uma migração de dinheiro para os bancos maiores e os estatais.

A indignação dos parlamentares contra o Banco Central é provocada pela pressão das suas bases eleitorais, mergulhadas na recessão. A equipe econômica começo a reagir, aliviando um pouco o arrocho e baixando os juros, ainda que quase insensivelmente.

As dúvidas são duas: será que o ar que dispensam a conta-gotas é suficiente para evitar a morte dos enforcados? Será que, evitando-a, será possível trazer de volta os votos que passaram à oposição?